

# O vale tudo de 1984 – Gracie jiu-jitsu x boxe Tailandês: uma disputa identitária

1984 no-holds-barred - Gracie jiu-jitsu vs. Thai boxing: an identity dispute

Ivo Lopes Müller Júnior<sup>1</sup>, Ricardo João Sonoda-Nunes<sup>2</sup>, Gonçalo Cassins Moreira do Carmo<sup>3</sup>, André Mendes Capraro<sup>4</sup>

Como citar esse artigo. MULLER JUNIOR, I. L. SONODA-NUNES, J. R. CARMO, G. C. M. CAPRARO, A. M. O vale tudo de 1984 – Gracie jiu-jitsu x boxe Tailandês: uma disputa identitária. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 15, n. 1, Edição Especial, p. 25-39, jan./abr. 2024.



**Nota da Editora.** Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

## Resumo

Na década de 1930, os Gracies consolidaram sua fama como lutadores destemidos em confrontos de Vale-Tudo. A rivalidade com o Boxe Tailandês surgiu nos anos 1980, devido à rápida ascensão dessa modalidade no Rio de Janeiro e a uma briga de rua entre Charles Gracie e Mario Dumar, instrutor da academia Naja. Este estudo busca compreender os fatores e significados do confronto intermodalidades “A Noite das Artes Marciais – Vale-Tudo 1984 - Gracie (Jiu-Jitsu) x Boxe Tailandês”, a partir da memória de alguns mestres pioneiros. Recorrendo à história oral híbrida, conclui-se que o evento foi motivado pelo desejo de vingança pela invasão à academia Naja, busca pela afirmação identitária como a modalidade mais eficiente e necessidade de estabelecer-se como uma identidade vencedora, atraindo mais adeptos.

**Palavras-chave:** Mix Martial Arts; Muay Thai; Identidade.

## Abstract

In the 1930s, the Gracies solidified their reputation as fearless fighters in no-holds-barred confrontations. The rivalry with Thai Boxing emerged in the 1980s due to its rapid rise in Rio de Janeiro and a street fight between Charles Gracie and Mario Dumar, an instructor at Naja Academy. This study seeks to understand the factors and meanings of the intermodal confrontation “The Night of Martial Arts – No-Holds-Barred 1984 - Gracie (Jiu-Jitsu) vs. Thai Boxing,” drawing from the memories of some pioneering masters. Through a hybrid oral history approach, it is concluded that the event was motivated by a desire for revenge for the invasion of Naja Academy, a quest for identity affirmation as the most efficient modality, and the need to establish itself as a victorious/unbeatable identity, thereby attracting more enthusiasts.

**Keywords:** Mix Martial Arts; Muay Thai; Identity.

## Introdução

O Corner jogou a toalha para parar a luta, então o Hélio Vígio [juiz] pegou a toalha como se fosse jogada para ele, enxugou a testa e jogou-a para fora do ringue. Ele dominou o momento perfeitamente (SYLVIO BEHRING, 2021, informação verbal).

O Hélio Vígio pegou a toalha, se enxugou porque a ordem dada era para machucar o máximo possível o Flávio Molina. Eles não queriam que parasse a luta, para impossibilitar o Molina de continuar trabalhando como modelo (EUGÊNIO TADEU, 2023, informação verbal).

As falas acima remetem ao confronto intermodalidades que ocorreu no ginásio do Maracanãzinho<sup>1</sup>

1 O ginásio é anexo ao Estádio do Maracanã. Fundado em 1954, foi totalmente reformado para os

Afiliação dos autores:

<sup>1</sup>Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

<sup>2</sup>Doutor em Educação Física e Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

<sup>3</sup>Doutor em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

<sup>4</sup>Doutor em Educação Física e Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

Email de correspondência: ivojunior11@yahoo.com.br

Recebido em: 28/11/2023. Aceito em: 11/06/2024

no dia 30 de novembro de 1984. O evento denominado A Noite das Artes Marciais – Vale-Tudo, Gracie (Jiu-Jitsu) x Boxe Tailandês teve um público de 22 mil pessoas e foi transmitido em âmbito nacional (Brasil), TV aberta (MANCHETE, 1984; AWI, 2012).

Ao longo do século XX, ocorreram eventos que confrontavam diferentes modalidades em algumas regiões do Brasil. Destaque para as cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Brasília. Esses eventos eram realizados por praticantes da Luta Livre, Capoeira, Jiu-Jitsu, da família Gracie e o Boxe Tailandês (GRACIE, 2008; VASQUES; BELTRÃO, 2013; AWI, 2012). De acordo com Lise (2014), a Luta Livre, o Boxe e a Capoeira, tiveram fundamental importância na constituição destes primeiros combates que ficaram conhecidos como Vale-Tudo e serviram para consolidar suas identidades e a de seus praticantes como lutadores de destaque.

Os eventos de Vale Tudo realizados no Brasil, serviram como referência para Art Davie, John Milius e Rorion Gracie, filho mais velho de Hélio Gracie, na criação do *Ultimate Fight Championship* (UFC) em 1993 (GREEN; SVINTH, 2003). Além disso, as nuances desses eventos desempenharam um papel fundamental na construção identitária das modalidades envolvidas, possibilitando o desenvolvimento e a experiência no Vale Tudo. Esses fatores contribuíram para que o Brasil se destacasse como um dos principais protagonistas no cenário do *Mix Martial Arts* - MMA (AWI, 2012). Nomes como Alex Poatan, Amanda Nunes, Anderson Silva, Charles Oliveira, José Aldo, Cris Cyborg, Renan Barão, Rodrigo Minotauro, Mauricio Shogun Rua, entre outros, tornaram-se campeões internacionalmente conhecidos, demonstrando o estilo brasileiro que se destacou pela força em duas artes marciais que foram rivais por muito tempo, como será abordado neste trabalho.

A família Gracie desempenhou um papel fundamental na divulgação do *Brazilian Jiu-Jitsu* (BJJ) no Rio de Janeiro, no início do século XX, ao adaptar as técnicas do Jujutsu<sup>2</sup> com ênfase em torções e estrangulamentos, proporcionando uma forma de luta na qual atletas de menor porte físico pudesse competir em igualdade com adversários mais fortes (BENNETT; DRESSLER, 2020; LISE; SANTOS; CAPRARO, 2014). Por outro lado, o carioca Flávio Molina, Hall da Fama do Taekwondo, foi tetra campeão brasileiro, primeiro brasileiro a sair vitorioso num mundial (1982), e um dos precursores do Boxe Tailandês no Brasil, além de ser um dos responsáveis pela disseminação da modalidade no Rio de Janeiro. (MÜLLER JÚNIOR; VARGAS; CAPRARO, 2021; REIS; RODRIGUES, 2018; BASSI, 2017; ALVES; MARIANO, 2007). A ascensão do Boxe Tailandês na Zona Sul do Rio de Janeiro começou a ‘incomodar’ a família Gracie, que até então era detentora hegemônica do cenário das lutas nessa região, uma das mais ricas da cidade (MÜLLER JÚNIOR; CAPRARO, 2020b).

Nesse sentido, esse artigo tem por objetivo compreender os fatores que contribuíram para a realização e os significados atribuídos ao confronto intermodalidades Vale-Tudo 1984 - Gracie (Jiu-Jitsu) x Boxe Tailandês, a partir da memória de alguns pioneiros destas práticas.

Para atingir esse propósito, adotou-se o método de investigação baseado nos princípios da história oral híbrida. A abordagem da história oral híbrida enfatiza o poder da conversa, que inclui contatos ou diálogos com outros tipos de documentos, como registros iconográficos e escritos, como obras historiográficas, filosóficas ou literárias (MEIHY; HOLANDA, 2015). Alberti (2013) ressalta a inter-relação entre documentos e história oral, em que, ao obter material para pesquisa a partir de fontes já existentes, as entrevistas se tornam novos documentos, enriquecendo e muitas vezes explicando os primeiros.

Este estudo é embasado em procedimentos historiográficos, partindo da produção de fontes e valorizando o registro das narrativas de experiências dos entrevistados, proporcionando um conhecimento relativamente novo no campo das Ciências Humanas e Sociais (GONÇALVES; LISBOA, 2007; FERREIRA; FERNANDES; ALBERTI, 2000). Entre os historiadores que utilizam a história oral, é praticamente consenso a necessidade de compreender os conceitos de memória e identidade. Com base nessa premissa, foram consultados autores como e Pollak (1992), Candau (2011), Portelli (2016).

A memória é parte fundamental na construção da narrativa e da identidade de uma pessoa ou um

2 Arte marcial desenvolvida no Japão, a qual deu origem ao Judô (SERRANO, 2014).

grupo. Ainda nesse sentido:

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).

O início deste estudo se deu a partir de uma pesquisa em artigos científicos, livros e jornais sobre o Vale Tudo no Rio de Janeiro. Realizou-se buscas utilizando os termos “Vale Tudo”, “Boxe Tailandês”, “Gracie”, “Noite das Artes Marciais” e “Hélio Vígio” nas plataformas Scopus da Elsevier, Google Scholar, Google Books e na Hemeroteca Digital Brasileira, que faz parte da Biblioteca Nacional Digital (BNDigital) e oferece acesso a fontes primárias de informação histórica, cultural, científica, técnica, política, entre outras. Essa biblioteca possui um acervo que inclui jornais, revistas, boletins, relatórios e outras publicações periódicas (BETTENCOURT; PINTO, 2013).

Neste estudo foram utilizadas 16 entrevistas temáticas entre os anos de 2016 e 2023. A pesquisa foi homologada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH, mediante o parecer consubstanciado número 1.469.110. A inscrição do projeto junto ao Comitê Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) pode ser localizada pelo número de registro: 51225615.5.0000.5540. Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e concordaram em divulgar seus nomes. A escolha dos entrevistados seguiu os seguintes critérios de inclusão: 1) praticantes das modalidades envolvidas; 2) se graduaram faixa preta<sup>3</sup>; 3) ou que foram indicados por outros entrevistados e que possuam um rico acervo de fontes (Marcelo Dumar Molina foi indicado por Sandro Lustosa e Marcelo Alonso foi indicado por Sylvio Behring).

**Quadro 1.** Entrevistados

Augusto Cesar Cunha	Na década de 1980, o publicitário e mestre de Boxe Tailandês auxiliou na popularização da luta no Rio de Janeiro.
Eduardo Chaep	Estava presente no dia da invasão da academia Naja.
Eugênio Tadeu Amorim	Mestre de Luta Livre, Boxe Tailandês e Capoeira, lutou no evento contra Renan Pitanguy.
Fábio Noguchi	Um dos pioneiros do Boxe Tailandês no Brasil.
Fernando Pinduka	Aluno do Carson Gracie, faixa vermelha de Jiu-Jitsu, lutou no evento contra Marcos Ruas.
Marcelo Dumar Molina	Acompanhou o desenvolvimento da modalidade no Rio de Janeiro. Devido à popularidade de seu pai, possui um acervo com importantes fontes a respeito da rivalidade entre as duas modalidades.
Marcelo Alonso	Editor da revista Tatame e apresentador do podcast PVT. Na última década, entrevistou a maioria dos envolvidos, copilando o material em uma série de dois episódios denominado de Causos & Histórias – Vale Tudo de 1984.

3 O sistema de graduação do Boxe Tailandês no Brasil é constituído da seguinte forma: (1) branca, (2) branca com ponta vermelha, (3) vermelha, (4) vermelha com ponta azul clara, (5) azul clara, (6) azul clara com ponta azul escura, (7) azul escura, (8) azul escura com ponta preta e (9) preta (MÜLLER JÚNIOR; CAPRARO, 2020c). Já o sistema de graduação do Brazilian Jiu-Jitsu é constituído da seguinte forma: (1) branca, (2) azul, (3) roxa, (4) marrom e (5) preta. As faixas preta/vermelha, vermelha/branca e vermelha são méritos conquistados em relação ao tempo de formação após a faixa preta (ALONSO; TUCCI, 2008). Ou seja, ser faixa preta representa o mais alto nível de habilidade, conhecimento e dedicação, indicando que o praticante atingiu excelência técnica e um profundo entendimento da modalidade.

Marcos Ruas	Mestre de Capoeira, Boxe Tailandês e Luta Livre, lutou contra Fernando Pinduka.
Mario Dumar	Instrutor de Boxe Tailandês na década de 1980, foi o pivô da confusão com Charles Gracie, fato que culminou na invasão da academia Naja.
Robson Gracie	Faixa vermelha de Jiu-Jitsu, organizou o evento no ginásio do Maracanãzinho.
Júlio Cesar Regueira	Acompanhou o início da rivalidade entre Boxe Tailandês e Jiu-Jitsu.
Rudimar Fedrigo	Mestre pioneiro do Boxe Tailandês e do Vale Tudo em Curitiba.
Sandro Lustosa	Professor de Taekwondo e Boxe Tailandês na academia Naja.
Sylvio Behring	Auxiliou seu finado irmão Marcelo Behring na preparação para o combate.
Welington Narany	Socio fundador da academia Naja e precursor do Boxe Tailandês no Rio de Janeiro.

Vale ressaltar que das 15 entrevistas, quatro (Eduardo Chaep, Marcos Ruas, Mario Dumar, Robson Gracie) foram realizadas e divulgadas pelo jornalista Marcelo Alonso na série de dois episódios intitulada *Causos & Histórias – Vale Tudo de 1984*<sup>4</sup>. Após cada entrevista, adotou-se o processo de “processamento”, seguindo os princípios propostos por Alberti (2013). Esse procedimento consistiu na transcrição do conteúdo oral para o formato escrito, seguida pela verificação da fidelidade da transcrição e a realização de copidesque. O objetivo do copidesque foi aprimorar o documento, tornando-o mais claro para facilitar a escrita do estudo e a compreensão pelo leitor, conforme preconizado por Alberti (2013).

## A hegemonia Gracie na cidade do Rio de Janeiro

O prestígio da família Gracie teve início da década de 1930 (GRACIE; MAGUIRE, 2021). Em um primeiro momento, a família criou uma “imagem performática com desafios estilo Davi e Golias”, ou seja, enfrentavam adversários com biotipos mais avantajados (CAIRUS, 2020, p. 32). Acreditando que suas técnicas eram superiores às demais artes marciais, passaram a promover confrontos, inclusive, com alguns familiares permanecendo invictos durante aproximadamente 25 anos (LISE; SANTOS; CAPRARO, 2014). Esses eventos de Vale-Tudo não apenas proporcionaram fama e sucesso nacional aos Gracie (BENNETT; DRESSLER, 2020), mas também moldaram sua identidade como um grupo de lutadores destemidos e capazes de vencer qualquer tipo de oponentes.

Na década de 1950, as lutas organizadas pela família Gracie passaram a atrair grande público. Em 1951, aproximadamente 40 mil pessoas pagaram para assistir a um evento realizado no estádio do Maracanã, atraindo a cobertura dos jornais locais, rádio e televisão (AWI, 2012). Entre os anos de 1959 e 1961, esse tipo de evento foi transmitido em canal aberto, pela TV Continental no programa *Heróis do Ringue* (CAIRUS, 2012). O programa apresentava ao vivo os combates organizados e protagonizados pela família Gracie, com o auxílio dos principais alunos do Mestre Hélio Gracie, entre eles João Alberto Barreto, Hélio Vígio e Carlson Gracie (BARRETO, 2013).

Outra forma não muito ortodoxa e ética que a família Gracie utilizava para estabelecer sua

4 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qV9vdlifeF8>, acesso em 10 junho de 2024.

identidade e obter popularidade era a invasão de academias de artes marciais. De acordo com Alonso e Tucci (2008), a família Gracie tinha o hábito de invadir e desafiar as academias de artes marciais locais que faziam propagandas se autopromovendo. Nesse sentido, Sandro Lustosa, um dos primeiros faixas pretas formado por Flávio Molina, em sua narrativa, complementou:

O pessoal do Jiu-Jitsu [Gracie] tinha o costume de invadir as academias de artes marciais para se provar perante as outras modalidades. Era de uma maneira muito estranha, porque o cara que ia invadir se preparava para essa invasão, só ele sabia dessa invasão. Quem era invadido muitas vezes estava despreparado (Sandro Lustosa, 2019, informação verbal).

Nesse contexto, as invasões de academias realizadas pelos Gracie eram uma forma de reafirmar sua identidade, coagindo os praticantes de outras lutas e demonstrando uma falsa sensação de superioridade ao desafiar seus oponentes, na maioria das vezes despreparados. Essas ações estratégicas visavam não apenas promover a imagem da família Gracie como lutadores destemidos, mas também intimidar e desestabilizar seus adversários, gerando insegurança aos praticantes de outras modalidades. Além disso, ao escolherem momentos em que seus concorrentes estavam desprevenidos, os Gracie buscavam criar uma vantagem competitiva, explorando a falta de preparo diante de uma situação inesperada e desafiadora (BASSI, 2017). Estratégias utilizadas para consolidar a identidade do Jiu-Jitsu como a luta mais eficiente de todas.

## A ascensão do Boxe Tailandês na cidade do Rio de Janeiro

De acordo com Müller Júnior e Capraro (2020c) e Passos *et al* (2014), Nélío Borges de Souza, popularmente conhecido por Nélío Naja, foi um dos primeiros faixas pretas de Taekwondo formado no Rio de Janeiro. Em 1976, ele migrou para Curitiba para ministrar aulas da arte marcial coreana. A cidade é capital do estado do Paraná, localizado no sul do país e considerado um dos mais ricos da federação. Na década de 1970, Curitiba passou por um processo de industrialização, medida que fez com que a cidade tivesse a maior taxa de crescimento econômico dentre as capitais do país, possibilitando a ascensão da renda média de seus trabalhadores, que passou a ser quatro vezes maior que a média nacional. Nessa década, a população da cidade passou de 600 mil (em 1970) para quase 1,1 milhão (em 1980) de habitantes (MACEDO, 2004). De acordo com os relatos de Rudimar Fedrigo e Fábio Noguchi, diante da diminuição de alunos e da crescente concorrência de mestres coreanos que estavam continuamente migrando para o Brasil, Nélío Naja fundiu as técnicas do Taekwondo com algumas do boxe para 'criar' o estilo brasileiro<sup>5</sup> de Boxe Tailandês, no ano de 1979 (RUDIMAR FEDRIGO, 2019, informação verbal; FÁBIO NOGUCHI, 2019, informação verbal).

Segundo as narrativas dos mestres cariocas de Boxe Tailandês (Wellington Narany, Sandro Lustosa, Augusto Cunha), Nélío Naja viajava com certa frequência à cidade do Rio de Janeiro para rever familiares e amigos. Em uma destas viagens conheceu Wellington Narany, que já era faixa preta de Taekwondo e sócio de uma academia de artes marciais, localizada na Zona Sul da cidade carioca (MÜLLER JÚNIOR, CAPRARO, 2020b). Nélío Naja informou que estava ministrando aulas de Boxe Tailandês em Curitiba e convidou-o para conhecer a modalidade. Narany gostou do estilo e decidiu passar uma temporada de 30 dias em Curitiba, aprendendo as técnicas adaptadas de Nélío Naja. Em maio de 1979, antes de regressar ao Rio de Janeiro, recebeu o certificado de faixa preta e é considerado o primeiro mestre de Boxe Tailandês formado por Nélío Naja (MÜLLER JÚNIOR; CAPRARO, 2020a).

5 O estilo brasileiro apresentava algumas características próprias como um sistema de graduação por faixas (branca, branca/vermelha, vermelha, vermelha/azul, azul, azul/preta e preta), treinamento com armas (facas e bastões) e a indumentária – que inicialmente consistia em um quimono preto tipo “dobok” do Taekwondo; substituído logo após por uma calça de agasalho preta e uma camiseta. No Rio de Janeiro os professores utilizavam uma calça vermelha para se diferenciar dos alunos (MÜLLER JÚNIOR, CAPRARO, 2020c).

Welington Narany iniciou ministrando aulas de Boxe Tailandês para os atletas de sua academia. Flávio Molina, que também era faixa preta de Taekwondo e sócio de Welington Narany na mesma academia, também se interessou pelo Boxe Tailandês. No mês de agosto de 1980, ambos passaram uma temporada de 15 dias em Curitiba. Dessa vez, foi Flávio Molina que recebeu o certificado de faixa preta de Boxe Tailandês e, também, passou a ministrar aulas na academia de artes marciais na Zona Sul do Rio de Janeiro. Seguindo o caminho de seus mestres, os alunos de Taekwondo da academia de Flávio Molina e Welington Narany migraram para o Boxe Tailandês e esta luta ganhou vários adeptos no Rio de Janeiro (WELINGTON NARANY, 2019, informação verbal).

De acordo com Müller Júnior, Vargas, Capraro (2021), Welington Narany contribuiu com questões administrativas e burocráticas, enquanto Flávio Molina foi responsável pela divulgação e credibilidade do Boxe Tailandês, junto aos meios de comunicação, popularizando a prática e conquistando uma parcela significativa de praticantes de lutas/artes maciais na cidade do Rio de Janeiro. Essa crescente popularização passou a incomodar a soberania conquistada pelos Gracie desde a década de 1930.

## As primeiras desavenças envolvendo os praticantes de Jiu-Jitsu e do Boxe Tailandês

Em dois anos, a ascensão do Boxe Tailandês na Zona Sul do Rio de Janeiro começou a ‘incomodar’ a família Gracie, que até então era detentora hegemônica do cenário de artes marciais nesta região, uma das mais ricas da cidade (MÜLLER JÚNIOR; CAPRARO, 2020a). Curiosamente, quis o destino que a academia de Flávio Molina estivesse a 800 metros da casa do mestre e fundador do *Brazilian Jiu-Jitsu*, Hélio Gracie. Naturalmente, mais cedo ou mais tarde, esse confronto ocorreria (MARCELO ALONSO, 2021, informação verbal).

Segundo Müller Júnior e Capraro (2020a), a confusão entre a família Gracie e os alunos do Boxe Tailandês começou em uma festa de carnaval no ano de 1982, em Teresópolis (EUGÊNIO TADEU, 2023, informação verbal). Charles Gracie, sobrinho-neto de Hélio Gracie, brigou com Mário Dumar, instrutor de Boxe Tailandês e cunhado de Flávio Molina. Mario Dumar foi surpreendido com um estrangulamento (mata-leão) após uma discussão. Três meses depois os dois voltaram a se enfrentar em uma briga de rua, desta vez Charles foi nocauteado (BASSI, 2017).

Na série de entrevistas *Causos & Histórias* (2016), disponíveis no canal do Youtube produzidas pelo jornalista Marcelo Alonso, o primeiro episódio descreveu como ocorrera a invasão da academia de Flávio Molina. Robson Gracie, pai de Charles, abre a série, informando: “Houve uma discussão, um deles veio e deu um tapa no Charles gerando o problema. Decidimos ir buscar os caras, foi a família toda, Royce, Charles, Rolls, Rorion, Rolker, Rickson na academia” de Flávio Molina (ROBSON GRACIE, 2016, informação verbal). Nota-se que ao recordar o fato, Robson Gracie reforça a identidade da família Gracie ao mostrar como eles se identificam e atuam coletivamente em situações de confronto, no intuito de preservar a fama de melhor estilo de luta conquistado por seu pai Carlos Gracie e seu tio Hélio Gracie.

No entanto, Welington Narany, endossado por Sandro Lustosa, informou que a invasão da academia ocorreu durante a fase de transição do Taekwondo para o Boxe Tailandês, em um dia de jogo da Copa do Mundo de 1982, durante uma aula de Taekwondo infantil, no período da tarde (WELINGTON NARANY, 2019, informação verbal; SANDRO LUSTOSA, 2019, informação verbal).

Segundo Eduardo Chaep, também em entrevista concedida para a série *Causos & Histórias* (2016), ao ver o pessoal adentrar na academia, ele foi até a porta. O Rolker Gracie o empurrou e falou que queria ‘conversar’ com o Mário a respeito da confusão em Teresópolis. Chegaram falando para que os alunos e pais saíssem da academia, pois eles iriam fechar a porta para um acerto de contas (EDUARDO CHAEP, 2016, informação verbal).

Mario Dumar informou ao *Causos & Histórias* (2016) que entraram na academia aproximadamente 25 pessoas, trajadas de calça de quimono de Jiu-Jitsu. A briga começou entre ele (Dumar) e o Royler, que

rapidamente o derrubou, pegou as costas e tentou estrangulá-lo com um mata-leão. Dumar relata que utilizou a única alternativa que tinha: colocou os polegares nos olhos do Royler, que o soltou e começou a gritar 'Ai, ai, ai, ai, ai...', quando os demais lutadores de Jiu-Jitsu intervieram e o espancaram. Eles queriam jogá-lo pela janela da academia localizada no terceiro andar. Não o fizeram porque, na hora que abriram a janela, viram dois carros de polícia chegando (MÁRIO DUMAR, 2016, informação verbal).

Na série de entrevistas supracitadas (2016), ao rememorar, Eduardo Chaep questionou: eles [Gracie] foram no horário de aula infantil de forma premeditada ou deram sorte? "Se tivessem invadido no horário dos adultos a coisa ficaria muito mais complicada para eles. Eu lembro que depois disso, nós queríamos invadir a academia de Jiu-Jitsu, mas o Flávio Molina não deixava" (EDUARDO CHAEP, 2016, informação verbal). Para o praticante de artes marciais, o local de treinamento é considerado um espaço sagrado, com normas e condutas pré-estabelecidas (SOARES, 2018). Ao invadir uma academia, o indivíduo está quebrando o código moral e ético das artes marciais. Desse modo, Paul Bowman (2019, p. 112) considera todas "[...] as artes marciais como manifestações teóricas, filosóficas ou ideológicas de forma consciente ou inconsciente provocam reflexões a respeito do que é violência", como agir em sociedade, e sua responsabilidade perante o mundo.

As falas dos entrevistados remetem ao conceito de memória (POLLAK, 1992). Ao relatar um acontecimento que seja de seu interesse ou necessidade social, a narrativa tende a ser mais acurada (THOMPSON, 2002). Toma-se como exemplo a fala pacífica por parte dos entrevistados Robson Gracie e Mário Dumar ao narrar os fatos para a série de entrevista *Causos & Histórias* (2016). Cada vez que uma memória está relativamente estabelecida, ela efetua um trabalho de conservação, de coesão, de singularidade e de continuidade (POLLAK, 1992). Como apresentado por Welington Narany e Eduardo Chaep ao rememorar a invasão da academia.

Constatou-se que logo após a invasão da academia, Molina queria uma revanche pessoal contra Rolls, fato que não ocorreu, pois, em meados de 1982, Rolls morreu (MARCELO ALONSO, 2020, informação verbal). Depois de muitas outras brigas nas ruas, Molina e Hélio Gracie finalmente acertaram todos os detalhes de um evento de Vale-Tudo. Inicialmente Molina queria enfrentar Rickson, mas de acordo com a narrativa de Sylvio Behring, "Rickson disse, dessa vez, você estará lutando contra meu melhor aluno, se você vencer, lutará contra mim" (SYLVIO BEHRING, 2020, informação verbal). Molina aceitou e Rickson escolheu seu melhor aluno, Marcelo Behring, na época faixa marrom.

Segundo Candau (2011), a socialização da memória a partir dos meios de comunicação desempenha um papel significativo na construção das recordações coletivas e influencia a formação da identidade cultural ao difundir narrativas e representações do passado. Ao rememorar a invasão da academia Naja, cada narrativa apresentada expôs suas lembranças e perspectivas, revelando como os acontecimentos foram percebidos e interpretados por diferentes indivíduos, influenciando na construção identitária de cada modalidade.

## O Vale-Tudo de 1984 - Jiu-Jitsu Gracie x Boxe Tailandês

De acordo com Albuquerque e Marinho (2014), o Vale-Tudo voltou ao Rio de Janeiro em 1982, após um hiato de 20 anos sob alegação de que colocava em risco a integridade física dos atletas. O incidente ocorrido em 1960, no programa Heróis do Ringue, com o atleta José Geraldo, o qual teve seu braço quebrado por um golpe aplicado por seu oponente, gerou o afastamento dos patrocinadores e revoltou a opinião pública (BARRETO, 2013). As lutas de Vale-Tudo regressaram ao Rio de Janeiro por intermédio de Robson Gracie, pois ele foi convidado pelo governador em exercício, Leonel Brizola, a assumir a Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro – SUDERJ – em 1982 (CAIRUS, 2012). Uma das suas primeiras medidas foi retomar a realização de eventos de artes marciais no ginásio do Maracanãzinho.

Em sua narrativa, Marcelo Molina, filho de Flavio Molina, informou que a família Gracie tinha o

costume de desafiar outras artes marciais e que, após a invasão da academia, Flávio Molina aceitou o desafio proposto por Hélio e Robson Gracie. Era uma forma de acalmar seus alunos que estavam questionando o fato de não revidarem a ocupação da academia (MARCELO MOLINA, 2019, informação verbal). Para o praticante de arte marcial a academia é considerada um templo sagrado, portanto inviolável (SOARES, 2018). Os frequentadores se reconhecem como portadores dos mesmos símbolos, que compartilham os mesmos desejos, gostos, valores, hábitos de consumo, condutas, possuindo marcas exclusivas (MAGNANI, 1992).

Flávio Molina decidiu resolver a situação de forma esportiva. Ele convocou seus alunos mais experientes, Luiz Alves, Gueri e Narany, para a luta, mas não chegaram a um acordo financeiro (MARTINEZ, 2011). No entanto, Molina recebeu o apoio de Marcelo Mendes, Eugênio Tadeu e Marco Ruas, alunos da Luta Livre, que haviam recentemente começado a treinar na academia Naja e buscavam estabelecer uma parceria entre estilos. Por intermédio de Marcos Ruas e Eugênio Tadeu, Flávio Molina iniciou o treinamento da Luta Livre focada no Vale-Tudo com a orientação de Fausto Brunocilla (um dos mestres precursores da Luta Livre esportiva no Rio de Janeiro). Algumas semanas antes do evento, Marcelo Molina e Sandro Lustosa, informaram que durante o treinamento para esta luta, Flávio Molina teve uma lesão séria no joelho direito (MARCELO MOLINA, 2019, informação verbal; SANDRO LUSTOSA, 2019, informação verbal).

No dia da pesagem, Flávio Molina tentou adiar a luta, porém, Hélio Gracie não concordou e falou que se ele não aparecesse para lutar iriam invadir novamente a academia e passariam a brigar na rua (MARTINEZ, 2011). Nesse sentido, em suas narrativas Sandro Lustosa informou:

O Flávio veio interagir com a Luta Livre e com o Jiu-Jitsu no final do ano de 1984, antes do desafio que ele participou contra a família Gracie. Foi um desafio que ele perdeu, um desafio que ele não deveria ter lutado. Todos aconselharam para que ele não lutasse, pois ele estava vindo de Guayaquil no Equador. Tinha disputado um campeonato mundial de Taekwondo, voltou lesionado no joelho e na sola do pé. O Flávio não tinha condições de realizar aquela luta, mas o sangue subiu, e ele resolveu fazer (SANDRO LUSTOSA, 2019, informação verbal).

A ameaça de invasão à academia, a possibilidade de brigas na rua, aliadas a insegurança de lutar lesionado e a pressão verbal proferidas por Hélio Gracie, refletem a tentativa de impor poder e superioridade sobre a equipe de Flávio Molina, reforçando a identidade do Jiu-Jitsu como superior aos demais estilos de lutas praticado no Rio de Janeiro.

As lutas programadas para esse Vale-Tudo foram: Eugênio Tadeu x Renan Pitangui, Marcelo Mendes x Inácio Aragão, Marcos Ruas x Fernando Pinduka e Flávio Molina x Marcelo Behring. Infelizmente, Mendes quebrou a perna alguns dias antes do evento e foi substituído por um praticante de Kung Fu. Marcelo Alonso e Alfredo Tucci (2008), informaram que Bruce Lúcio, praticante de Kung Fu e que nunca havia treinado com a equipe do Boxe Tailandês/Luta Livre foi convidado por Robson Gracie para participar do evento no lugar de Marcelo Mendes. O evento, agora, supostamente teria apenas 3 lutas entre os lutadores de Boxe Tailandês e Jiu-Jitsu (ALONSO; TUCCI, 2008; MÜLLER JÚNIOR; CAPRARO, 2020a).

Para essas lutas, Hélio Gracie exigiu que os lutadores de Jiu-Jitsu entrassem de quimono, mantendo a tradição identitária da modalidade (AWI, 2012). Afinal, as identidades se constroem a partir de traços culturais (CANDAU, 2011). De acordo com as narrativas de Sylvio Behring, na primeira luta da noite, Eugênio Tadeu aproveitou a inexperiência de Renan Pitangui que entrou para lutar de quimono de Jiu-Jitsu e foi surpreendido. Eugênio Tadeu conseguiu evitar ser derrubado, aproveitou para segurar seu oponente pelo quimono e deferiu vários golpes, até nocauteá-lo (SYLVIO BEHRING, 2021, informação verbal).

A derrota na primeira luta estava fora do roteiro planejado do pessoal do Jiu-Jitsu. Eles ficaram surpresos pela forma como a luta de Eugênio Tadeu se desenrolou, mas “[...] a segunda era dada como certa, pois Bruce Lúcio não tinha nenhum conhecimento de chão” informou Álvaro Barreto, faixa vermelha



da família Gracie em entrevista a Felipe Awi (AWI, 2012, p. 211).

Após a derrota de Renan Pitangui, Inácio Aragão e os demais atletas da família Gracie foram aconselhados por Álvaro Barreto a não usarem o quimono para lutar (AWI, 2012). Em suas narrativas, Sylvio Behring informou que “Inácio Aragão estava muito bem-preparado, muito técnico, pegou Bruce Lúcio que não sabia o que estava fazendo ali dentro, botou para baixo, passou a guarda e fez aquela aulinha básica de finalizar sem machucar o oponente” (SYLVIO BEHRING, 2021, informação verbal).

Marco Ruas, em entrevista a série *Causos & História* (2016) autoafirmou que poderia ter vencido a terceira luta da noite, pois faltou apenas o apoio no vestiário, já que poucos acreditaram em sua vitória. O Fausto Brunocilla, com quem treinava luta livre, foi convidado para ser seu corner<sup>6</sup> e não apareceu (MARCO RUAS, 2016, informação verbal).

Ele [Brunocilla] falou que se o Pinkuka me derrubasse ele teria que jogar a toalha, pois o Pinduka era um cara muito duro. Até o momento de ser anunciado para subir ao ringue eu não tinha corner, foi então que o Santa Rosa se propôs ficar de corner, pois eu treinava boxe com ele. Foi uma luta muito dura, consegui dar alguns socos, mas ele me levou para o chão e eu consegui travá-lo na guarda. Em volta do ringue estava toda a turma do Jiu-Jitsu, foi uma pressão muito forte, eles me xingavam, mas eu falava para mim mesmo, não vai me ganhar, vou provar que eu sou um lutador. Ele tentou me morder várias vezes, o juiz que era o Hélio Vígio ficava falando para o Pinduka dar cabeçada no nariz, todo o pessoal do Jiu-Jitsu estava em volta do ringue fazendo uma pressão muito forte, mas eu consegui segurar e a luta terminou empatada (MARCO RUAS, 2016, informação verbal).

Marcos Ruas informou que foi mal instruído, pois aqueles que o acompanharam até o ringue respeitavam muito o Pinduka, que na época era considerado o melhor aluno de Carson Gracie. “Se eles tivessem acreditado em mim e me estimulado a ser mais agressivo desde o início poderia ter nocauteado e vencido a luta” (ALONSO; TUCCI, 2008, p. 227). De acordo com Allsep Junior (2013), a cultura guerreira é uma complexa combinação de atitudes e ideais sobre coisas como o heroico, a superação de sacrifícios, o espírito agressivo no combate, a compaixão com os derrotados. Esses valores eram enfatizados nos treinamentos realizados por Nélio Naja e seus primeiros faixas pretas (MÜLLER JÚNIOR; CAPRARO, 2020c).

Durante as narrativas, foi possível perceber que ao rememorar o passado os entrevistados salientaram a lesão de Flavio Molina, a inexperiência de Renan Pitangui e a falta de apoio por parte do treinador de Marcos Ruas, como fatores preponderantes no resultado das lutas. Nesse sentido, Maurice Halbwachs (1990) e Joël Candau (2011) compreendem a memória como algo dinâmico, pois ela é a reconstrução e a atualização contínua do passado. Enquanto Candau (2011) destaca que é insustentável a ideia de que as vivências passadas pudessem ser memórias estáticas, ou seja, algo passível de ser recuperado na íntegra, como mencionado pelos entrevistados. Halbwachs (1990), por outro lado, enfatiza a importância das condições sociais experimentadas no presente por um grupo específico e a posição particular de um indivíduo dentro desse mesmo grupo como aspectos essenciais no processo de reconstrução do passado.

A luta mais aguardada da noite foi, também, a mais polêmica. De acordo com Awi (2012), Flávio Molina até começou bem mas, no primeiro chute que deu na perna de Behring, seu joelho saiu do lugar, perdendo a autoconfiança. De acordo com a entrevista de Wellington Narany, “[...] o Molina foi um guerreiro, estava lesionado, tinha machucado o joelho, mal conseguia andar. Qualquer um no lugar dele teria fugido da luta” (WELINGTON NARANY, 2019, informação verbal). Fernando Pinduka informou que durante a luta, Flávio Molina estava constantemente segurando nas cordas, fato que não era permitido, então o Hélio Vígio vinha e tirava os braços dele. Em uma dessas oportunidades, o Marcelo veio e derrubou-o, rapidamente, passou a guarda e montou, pois o Molina não tinha conhecimento de luta de

6 Durante a luta, o corner (treinador) desempenha um papel essencial, sendo responsável por orientar tecnicamente, motivar emocionalmente, cuidar fisicamente e ajustar estrategicamente o lutador. Sua função principal é auxiliar para maximizar o desempenho do lutador e aumentar as chances de sucesso no combate. (BASSI, 2017).

solo (FERNANDO MAGALHÃES, 2021, informação verbal). Mario Dumar complementou:

Ao ver que o Molina não tinha mais condições de lutar eu arremessei a toalha ao ringue para acabar a luta. O juiz pegou a toalha do chão, enxugou o rosto e jogou para fora do ringue, deixando o Molina ser castigado. Eu invadi o ringue para que não acontecesse nada pior ao Molina que estava numa posição perigosa. O Hélio Vígio se virou para mim e falou: Você sabe quem eu sou? Eu respondi: pra mim você é um maluco, nisso começaram a jogar cadeiras dentro do ringue e acabou o evento (MÁRIO DUMAR, 2016, informação verbal).

Hélio Vígio foi um dos primeiros instrutores de Jiu-Jitsu formados pela família Gracie na década de 1950. Ele alcançou a graduação de faixa vermelha, nono grau, e participou de algumas lutas de Vale-Tudo no programa Heróis do Ringue, desempenhou também o papel de juiz na final do UFC 1 (BARRETO, 2013). No entanto, além do vínculo com o Jiu-Jitsu, Vígio foi delegado da polícia civil entre as décadas de 1960-90, atuando na delegacia antissequestros, acumulando ao longo da carreira várias acusações de arbitrariedades, sendo considerado um delegado de métodos truculentos (JORNAL DO BRASIL, 1995).

Ainda em relação aos confrontos contra a família Gracie, o mestre de Luta Livre Roberto Leitão informou das dificuldades em enfrentá-los nestes eventos. “Lutar contra o Jiu-Jitsu no Brasil é sempre assim: eles colocam os juízes, montam as regras e permitem que seus alunos fiquem em volta do ringue para pressionar e gritar contra os adversários” (ALONSO; TUCCI, 2008, p. 228). Toma-se, como exemplo, a luta de Hélio Gracie contra o japonês chamado Myako, em 1934. Carlos Gracie, informou que a luta seria com quimono sem mangas, dificultando a aplicação de chaves de braço (especialidade do adversário), refutou o árbitro nomeado, que “foi substituído pelo patrono dos Gracie, o chefe da Polícia Especial Tenente Euzébio de Queiroz” (CAIRUS, 2020, p. 32).

Nota-se que os Gracies procuravam estabelecer condições específicas para suas lutas, manipulavam as regras a seu favor, como o uso de quimono sem mangas para dificultar as chaves de braço, especialidade de Myako, além do fato de que o árbitro sempre tinha uma relação com a família ou com o Jiu-Jitsu. Essa prática demonstra como eles buscavam ter controle sobre os acontecimentos e assegurar sua vantagem, com o intuito de afirmar a identidade do Jiu-Jitsu como a luta mais eficiente de todas e dos membros da família Gracie como lutadores imbatíveis. Nesse sentido, conforme destacaram Candau (2011) e Halbwachs (1990), as condições sociais e o contexto presente podem ser fundamentais na reconstrução do passado, e as estratégias utilizadas pelos Gracies influenciaram a percepção e a memória desses eventos ao longo do tempo.

Em relação ao Vale-Tudo de 1984, de acordo com Awi (2012), como o evento foi organizado por Robson Gracie, as lutas foram organizadas como nos tempos de Hélio Gracie. Sem jurados, com limite de tempo, a luta só acabaria por desistência ou perda de sentidos, com possibilidade de empate ao fim de três rounds de cinco minutos, buscando aproximar-se do “[...] mito da autenticidade, as representações estereotipadas de pertencimento, a reificação das diferenças e de tensão identitária” (CANDAU, 2011, p. 162) entre bandeiras distintas, remetendo a vitória ao patriarca Hélio Gracie.

Em entrevista a Felipe Awi (2012), Royler Gracie informou que “[...] os juízes escolhidos eram ligados ao Jiu-Jitsu, entre eles o delegado Hélio Vígio, o cenário estava preparado para a festa. A gente queria provar que qualquer praticante de Jiu-Jitsu poderia dar um jeito neles” (AWI, 2012, p. 209). A partir da narrativa de Royler Gracie, ao designar um praticante e ex-lutador de Jiu-Jitsu como juiz, fica evidente o interesse em fortalecer a identidade vencedora e imbatível do Jiu-Jitsu em detrimento do Boxe Tailandês, que estava em ascensão no Rio de Janeiro, com mais de 20 academias pela cidade em apenas 3 anos (BASSI, 2017).

De acordo com Albuquerque e Marinho (2014), no primeiro evento de Vale-Tudo realizado no Rio de Janeiro em 1983, após o hiato de 20 anos, intitulado Noitada das Artes Marciais, Rei Zulu enfrentou Rickson Gracie, após algumas lutas de boxe e apresentações de artes marciais. Rei Zulu informou que as

regras foram alteradas por Robson Gracie minutos antes da luta, pensou em desistir, mas foi informado que se não competisse seria detido pela polícia, pois estaria lutando sem documento profissional e seria responsável pelo quebra-quebra realizado pelo público, caso não houvesse o combate. Informou, ainda, que o juiz da luta (Hélio Vígio) segurava seus braços no decorrer do combate e que na tentativa de pressioná-lo, atletas da academia Gracie o provocavam do lado do fora do ringue (MÜLLER JÚNIOR; CAPRARO, 2023).

O *modus operandi* da família Gracie era reunir o maior número de alunos possíveis para invadir de surpresa as academias rivais e desafiar o mestre para lutar naquele momento. Fato que na maioria das vezes não ocorria, pois os Gracies mexiam com o psicológico dos adversários da seguinte forma: “Vai amarelar? Não! Não desafiaram a família Gracie? Agora é *porrada*, não tem essa não, vai ter que lutar” (MARCELO ALONSO, 2021, informação verbal). Outros fatos amplamente realizados nos desafios organizados pela família Gracie eram: se você quer enfrentar o rei você terá que vencer o príncipe primeiro, ou seja, para enfrentar um membro da família Gracie, primeiro o oponente precisaria vencer o melhor aluno dos Gracies (MARCELO ALONSO, 2021, informação verbal). Toma-se como exemplo o fato de “[...] Rickson Gracie ter colocado o Marcelo Bering para lutar contra Flávio Molina e eu (Fernando Pinduka) no lugar do Royller, pois os Gracies não queriam colocar ninguém da família” (FERNANDO MAGALHÃES, 2021, informação verbal).

Ao agir dessa forma, a família Gracie passava a conhecer melhor o adversário, suas estratégias de lutas, fato que traria vantagens na possibilidade de um próximo combate. Embora, na maioria das vezes, os alunos bem-preparados do Jiu-Jitsu venciam, não dando chance para o oponente lutar contra um membro da família. A organização desses desafios ficou – ao menos na cidade do Rio de Janeiro – sob o domínio dos Gracies. Eles escolhiam as regras e quem seria o arbitro da luta. Dificultavam a entrada da torcida rival, além de colocarem seus alunos em volta do ringue, gritando (Jiu-Jitsu, Jiu-Jitsu, ...), xingando e desconcentrando o adversário (MÜLLER JÚNIOR; CAPRARO, 2023).

Em relação ao combate entre Flávio Molina e Marcelo Behring, em 1984, o juiz do combate (Hélio Vígio) justificou sua atitude informando: “Deixei a luta continuar porque o verdadeiro lutador tem que reconhecer a superioridade do oponente. Faz parte da luta. Se ele perdesse os sentidos seu, sem dúvida, teria parado a luta, mas eu queria que ele batesse no tatame para que todos vissem” (ALONSO; TUCCI, 2008, p. 228).

Durante a confusão envolvendo Hélio Vígio e Mario Dumar, os fãs do Jiu-Jitsu invadiram o ringue comemorando a vitória (2x1) sobre o Boxe Tailandês, mas na verdade foi um empate. Das três lutas realizadas entre os alunos da academia de Flávio Molina contra os alunos da academia Gracie, ocorreu uma vitória para cada lado e um empate. A luta envolvendo o praticante de Kung Fu, Bruce Lucio, não deveria ser contabilizada. De acordo com Marcelo Alonso e Alfredo Tucci (2008, p. 228) “Robson Gracie convidou Bruce Lúcio para o Jiu-Jitsu vencer, pois Bruce Lúcio nunca treinou com o pessoal do Boxe Tailandês”. Segundo Portelli (2016, p. 47), “[...] a memória é um trabalho constante de busca de sentido, que filtra os vestígios da experiência entregando ao esquecimento aquilo que já não tem significado”. Ou seja, o que ficou registrado na memória do público foi a vitória do Jiu-Jitsu, contestar o empate perdeu seu significado.

De acordo com Candau (2011) e Pollak (1992), foi possível perceber que os entrevistados que confrontaram os praticantes de Jiu-Jitsu apresentaram uma memória coletiva, produzida no interior da classe de lutadores de Vale-Tudo. Essa memória coletiva se alimenta de imagens, ideias, sentimentos e valores que concedem identidade e permanência a este grupo, rememorando as dificuldades encontradas no período de implantação da modalidade. Nesse contexto, segundo Alberti (2008), as disputas em torno das memórias apresentadas pelos entrevistados, como os precursores do Vale-Tudo nacional, são importantes para compreender suas ações no processo de construção e consolidação de suas identidades, tanto no nível individual como atletas, quanto no coletivo como representantes de uma modalidade de sucesso em expansão no Rio de Janeiro.

Para Alessandro Portelli (1998), os indivíduos fazem parte de diversos grupos sociais, dos quais

compartilham as diversas memórias, organizando-as de forma idiossincrática. Após o “circo” montado, coube ao público que assistiu as lutas lembrar da facilidade com que os atletas do Jiu-Jitsu venceram os lutadores Flávio Molina e Bruce Lúcio, induzindo a percepção de uma vitória da Família Gracie, fortalecendo sua identidade e o sentimento de pertencimento aos seus alunos.

## Considerações Finais

Este artigo visou compreender os fatores que contribuíram para a realização e os significados atribuídos ao confronto intermodalidades Vale-Tudo 1984 - Gracie (Jiu-Jitsu) x Boxe Tailandês, a partir da memória de alguns pioneiros destas práticas. A análise foi realizada a partir dos conceitos de identidade e memória, buscando compreender como esses elementos influenciaram a tomada de decisão dos praticantes de Boxe Tailandês e a construção de significados em torno desse evento histórico.

A partir das narrativas dos participantes, foi possível identificar alguns fatores que levaram os praticantes de Boxe Tailandês a se envolverem nesse confronto. Entre esses motivos destacam-se o desejo de vingança à invasão e depredação da academia Naja, a insegurança de que novas invasões pudessem acontecer, a busca por reconhecimento e a oportunidade de confrontar a família Gracie, considerada uma referência no mundo das lutas. Além disso, a possibilidade de se estabelecer uma parceria entre o Boxe Tailandês e a Luta Livre e a pressão exercida por Hélio Gracie também influenciaram a decisão dos praticantes de participar do evento.

Ao analisar o papel da identidade e da memória nesse contexto, foi possível perceber que a participação no confronto representava uma forma de afirmar a identidade dos praticantes de Boxe Tailandês e reafirmar a importância desse estilo no cenário das lutas no Rio de Janeiro. A memória coletiva dos praticantes, alimentada por imagens, ideias e valores compartilhados, contribuiu para a construção de uma narrativa que valorizava a coragem e o espírito guerreiro dos participantes, mesmo diante das dificuldades e adversidades enfrentadas.

Este estudo, também, revelou a influência do contexto social e das relações de poder na organização do evento e na percepção dos confrontos. A manipulação das regras, a escolha dos árbitros e a pressão psicológica exercida pelos Gracies refletiam a busca por afirmar a superioridade do Jiu-Jitsu e consolidar sua identidade como a luta mais eficiente.

É importante ressaltar que as memórias e as narrativas dos participantes são construções sociais e estão sujeitas a influências e interpretações diversas. A compreensão dos motivos que levaram os praticantes de Boxe Tailandês a participarem desse confronto intermodalidades permite uma reflexão mais ampla sobre os processos de construção de identidade no campo das artes marciais e a importância da memória na formação dessas identidades.

Diante disso, este estudo contribui para o campo da historiografia das lutas, artes marciais e esportes de combate ao oferecer uma análise detalhada dos motivos que levaram os praticantes de Boxe Tailandês a participarem do confronto Vale-Tudo 1984. Além disso, destaca a relevância dos conceitos de identidade e memória na compreensão desses eventos e de suas repercussões no desenvolvimento das práticas marciais e na construção de significados para os praticantes. Futuras pesquisas podem ser realizadas a respeito de outros desafios de Vale Tudo envolvendo essas modalidades. À guisa de exemplo o evento - Jiu-Jitsu vs. Luta Livre que ocorreu no Rio de Janeiro, em 1991, além das invasões de academias envolvendo a família Gracie nas décadas de 1980 e 1990.

## Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

## Referências

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ALBERTI, V. Histórias dentro da história. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 155-202. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/475314997/13-07-06-2017-ALBERTI-Verena-Historias-dentro-da-Historia-In-PINSKY-Carla-pdf>; Acesso em 11 nov. 2023.
- ALBUQUERQUE, A.; MARINHO, R. Maracanãzinho consagra Rickson e vê aurora de nova geração histórica. **Combate**, 2014. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2014/10/maracanazinho-consagra-rickson-e-ve-aurora-de-nova-geracao-historica.html>; Acesso em: 10 out. 2023.
- ALLSEP JUNIOR, M. The myth of the warrior: Martial masculinity and the end of don't ask, don't tell. **Journal of Homosexuality**, v.60, n.2, p. 381-400, 2013. doi: 10.1080/00918369.2013.744928
- ALONSO, Marcelo Pires. Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior. Rio de Janeiro, 11 maio 2021.
- ALONSO, M.; TUCCI, A. **La familia Gracie e la rivoluzione del Jiu-Jitsu**. Roma: Budo International, 2008.
- ALONSO, M. #causos&histórias – Vale Tudo de 1984 - O Desafio do Jiu-Jitsu contra o Muay Thai e Luta-Livre em 1984. PVT, 2016a. 1 vídeo (10 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qV9vdlifeF8&t=2s>. Acesso em: 10 out. 2023.
- ALONSO, M. #causos&histórias – Vale Tudo de 1984 - O desafio do Jiu-Jitsu contra o Muay Thai e Luta-Livre em 1984 – FINAL. PVT, 2016b. 1 vídeo (15 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6qcGdFTadjc&t=20s>. Acesso em: 10 out. 2023.
- ALVES, L.; MARIANO, A. **Muay Thai: Boxe Tailandês**. São Paulo: OnLine editora, 2007.
- AMORIM, Eugênio Tadeu. Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior. Rio de Janeiro, 25 set. 2023.
- AWI, F. **Filho teu não foge à luta: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- BARRETO, J. A. **Do Valetudo brasileiro ao “Mixed Martial Arts”**. Rio de Janeiro: Tatame, 2013.
- BASSI, D. F. **A história completa do Vale Tudo ao MMA no Brasil**. Joinville: Clube de Autores, 2017.
- BEHRING, Sylvio. Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior. Rio de Janeiro, 12 set. 2022.
- BENNETT, K.; DRESSLER, W. Variation in Cultural Consensus Between Expert and Novice Brazilian Jiu-Jitsu Athletes, **Martial Arts Studies**, v.9, n.1, 2020. doi.org/10.18573/mas.99. Disponível em: <https://mas.cardiffuniversitypress.org/articles/10.18573/mas.99>; Acesso em 10 nov. 2023.
- BETTENCOURT, A. M. M.; PINTO, M. R. S. A hemeroteca digital brasileira. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação-FEBAB, 25., 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. São Paulo: Anais CBBDD, 2013. Temática I: Tecnologias de informação e comunicação -um passo à frente -Relato de Experiência. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbdd2019/article/view/1321>; Acesso em 12 nov. 2023.
- BOWMAN, P. **Deconstructing Martial Arts**. Cardiff: Cardiff University Press, 2019.
- CAIRUS, J. **The Gracie Clan and the Making of Brazilian Jiu-Jitsu: National Identity, Culture and Performance, 1905–1993**. 2012. 350 f. Tese (doutorado em Filosofia) - Faculty of Graduate Studies, York University, Toronto, 2012. Disponível em: [https://www.academia.edu/15577492/\\_The\\_Gracie\\_Clan\\_and\\_the\\_Making\\_of\\_Brazilian\\_jiu\\_jitsu\\_National\\_identity\\_Performance\\_and\\_Culture\\_1905\\_1993](https://www.academia.edu/15577492/_The_Gracie_Clan_and_the_Making_of_Brazilian_jiu_jitsu_National_identity_Performance_and_Culture_1905_1993); Acesso em 11 nov. 2023.
- CAIRUS, J. Nationalism, Immigration and Identity: The Gracies and the Making of Brazilian Jiu-Jitsu, 1934-1943. **Martial Arts Studies**, v.9, n.1, p.28-42, 2020. doi.org/10.18573/mas.105
- CANAU, J. **Memória e identidade**; tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHAEP, Eduardo. Entrevista concedida a Marcelo Alonso, Rio de Janeiro, 21 jun. 2016. PVT, 2016. 1 vídeo (11 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qV9vdlifeF8&t=2s>; Acesso em 10 out. 2023.
- CUNHA, Augusto Cesar. Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior, Rio de Janeiro, 15 set. 2019.
- DUMAR, MÁRIO. Entrevista concedida a Marcelo Alonso, Rio de Janeiro, 21 jun. 2016. PVT, 2016. 1 vídeo (11 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qV9vdlifeF8&t=2s>; Acesso em 10 out. 2023.

- FEDRIGO, Rudimar. Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior. Curitiba, 4 jul. 2019.
- FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T.; ALBERTI, V. **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.
- GRACIE, R. **Carlos Gracie**: o criador de uma dinastia. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- GRACIE, ROBSON. Entrevista concedida a Marcelo Alonso, Rio de Janeiro, 21 jun. 2016. PVT, 2016. 1 vídeo (11 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qV9vdlifeF8&t=2s>; Acesso em 10 out. 2023.
- GRACIE, R.; MAGUIRE, P. **Rickson Gracie - Respire uma vida em movimento**. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2021.
- GREEN, T. A.; SVINTH, J. R. **Martial Arts in the Modern World**. London: Prager, 2003.
- GONÇALVES, R. C.; LISBOA, T. K. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katálysis**, v.10, n.1, p. 83-92, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/VzGmzYXDPdxPgthrfPL4tVP/abstract/?lang=pt>; Acesso em 10 nov. 2023.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.
- JORNAL DO BRASIL. Hélio Vígio: um delegado de métodos truculentos. **Jornal do Brasil**, 1995. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_11&pesq=%22H%C3%A9lio%20V%C3%ADgio%22%20delegado%22%20m%C3%A9todos%20truculentos%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=164819](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_11&pesq=%22H%C3%A9lio%20V%C3%ADgio%22%20delegado%22%20m%C3%A9todos%20truculentos%22&pasta=ano%20199&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=164819). Acesso em: 23 nov. 2023.
- LISE, R. S. **Entre diretos, ceintures avant, chaves de braço e rabo de arraia**: os primórdios dos combates intermodalidades na Cidade do Rio de Janeiro (1909-1929). 2014. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/1884/37242?mode=full>; Acesso em 10 nov. 2023.
- LISE, R. S.; SANTOS, N.; CAPRARO, A. M. "A legenda dos Gracie": uma análise da crônica de Nelson Rodrigues. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), v.20, n.4, p. 1329-1349, 2014.
- LUSTOSA, Sandro Roberto Batista. Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior. Rio de Janeiro, 19 jul. 2019.
- MACEDO, J. Curitiba. **Cities**, v. 21, n. 6, p. 537-549, 2004. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0264275104001003?via%3Dihub>; Acesso em 10 nov. 2023.
- MAGALHÃES, Fernando "Pinduka" de Melo. Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior. Rio de Janeiro, 21 maio 2022.
- MAGNANI, J. G. C. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, v.35, n.1, p.191-203, 1992.
- MANCHETE. Boxe Tailandês X Jiu-Jitsu. **Revista Manchete**, 1984. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=Duelo%20de%20tit%C3%A3s&pagfis=229318>. Acesso em: 7 set. 2023.
- MARTINEZ, A. **Heróis do Vale-Tudo**. Rio de Janeiro: Tatame, 2011.
- MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- MEZZAROBBA, C.; PIRES, G. D. L. O agendamento midiático-esportivo: considerações a partir dos Jogos Pan-americanos Rio/2007. **Logos**, v.17, n.2, p.124-136, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/864>; Acesso em 11 nov. 2023.
- MOLINA, Marcelo Dumar. Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior. Rio de Janeiro, 22 jul. 2019.
- MÜLLER JÚNIOR, I. L.; CAPRARO, A. M. Narrativas a respeito da institucionalização do Muay Thai no Brasil. **Research, Society and Development**, v.9, n.11, p.1-19, 2020a. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10425>; Acesso em 11 nov. 2023.
- MÜLLER JÚNIOR, I. L.; CAPRARO, A. M. "Ele mesmo contou isso": Nélio Naja, a produção de um mito. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), v.26, n.1, p.26049, 2020b. doi: 10.22456/1982-8918.99251. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/k4WFn3RCJttLRzGWdXC8kTS/?format=html&lang=pt>; Acesso em 11 nov. 2023.
- MÜLLER JÚNIOR, I. L.; CAPRARO, A. M. Uma identidade guerreira forjada "à base" das joelhadas e cotoveladas: as narrativas dos primeiros mestres do Muay Thai brasileiro. **Revista de Artes Marciais Asiáticas**, v.15, n.1, p.22-

- 33, 2020c. Disponível em: <https://revistas.unileon.es/index.php/artesmarciales/article/view/6219>; Acesso em 11 nov. 2023.
- MÜLLER JÚNIOR, I. L.; VARGAS, P. I.; CAPRARO, A. M. A disseminação do Muay Thai no Brasil: narrativas e memórias dos mestres pioneiros. **História Oral**, v.24, n.2, p.69-88, 2021. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1181>; Acesso 11 nov. 2023.
- MÜLLER JÚNIOR, I. L.; CAPRARO, A. M. 'Rei Zulu', um showman do vale tudo brasileiro. **Revista de Artes Marciales Asiáticas**, v.18, n.2, p.80-94, 2023. DOI: 10.18002/rama.v18i2.6210. Disponível em: <https://revpubli.unileon.es/ojs/index.php/artesmarciales/article/view/7697>; Acesso em 11 nov. 2023.
- NOGUCHI, Fábio Seuchi. Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior. Curitiba, 17 jul. 2019.
- PASSOS, D. A. *et al.* As origens do Vale-Tudo na cidade de Curitiba-PR: memórias sobre identidade, masculinidade e violência. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), v.20, n.3, p.1153-1173, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/42829>; Acesso em 11 nov. 2023.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v.10, n.1, p.200-215, 1992.
- PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944). In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). **Uso e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 103-130.
- REGUEIRA, Júlio Cesar de Souza. Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior. Balneário Camboriú, 29 ago. 2019.
- RUAS, MARCO. Entrevista concedida a Marcelo Alonso, Rio de Janeiro, 21 jun. 2016. PVT, 2016. 1 vídeo (11 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qV9vdlikeF8&t=2s>; Acesso em 10 out. 2023.
- PORTELLI, A. **História Oral como Arte da Escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- REIS, C.; RODRIGUES, J. A. **Diamante**: a história de Luiz Alves, lenda do Muay Thai e do MMA. São Paulo: Forma & Conteúdo, 2018.
- SERRANO, M. **O livro proibido do Jiu-Jitsu**: a história que os Gracie não contaram. Joinville: Clube de Autores, 2014.
- SILVA, Welington Luiz da. Entrevista concedida a Ivo Lopes Müller Júnior. Vila Velha, 19 ago. 2019.
- SOARES, A. **Templo das artes – A espiritualidade nas artes marciais**. Rio de Janeiro: Clube dos autores, 2018.
- VASQUES, D. G.; BELTRÃO, J. A. MMA e educação física escolar: a luta vai começar. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), v.19, n. 4, p. 289-308, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/37713>; Acesso em 11 nov. 2023.
- THOMPSON, P. **A voz do passado** – história oral. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.